

(Intervenção de Donato Di Santo – Brasília 13 de dezembro 2012)

Caros amigos do Projeto Brasil Próximo, Autoridades e representantes dos governos locais e das Regiões brasileiras e italianas, Ministro Gilberto Carvalho, Embaixador Gherardo La Francesca, amigas e amigos,

Vocês me convidaram na qualidade de Coordenador das Conferências Itália-América Latina e, naturalmente, direi algumas coisas sobre a relação entre a Itália e o Brasil, no âmbito destas Conferências.

Porém, neste painel do Seminário que tem por tema a "colaboração estratégica" e onde está presente um caro e velho amigo como Gilberto Carvalho, Ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência da República do Brasil e um dos principais expoentes políticos brasileiros, não posso eximir-me de tecer algumas considerações políticas, referentes ao nosso passado, à nossa memória (que é sempre importante conhecer e utilizar como uma bússola, não como seus prisioneiros nostálgicos, mas para entender para onde devemos dirigir-nos), e o nosso futuro, que esperamos estar próximo, de uma verdadeira e renovada "cooperação estratégica".

Os aspectos mais diplomáticos já foram brilhantemente tratados pelo nosso Embaixador La Francesca. Portanto, como político, me concentrarei em outras questões.

Posso dar-me ao luxo porque para Gilberto, para Cristina Sampaio e para muitos dos amigos brasileiros (presentes e não), eu sou um velho companheiro de viagem: companheiro, em sentido político, e de viagem, em todos os sentidos.

Alguns anos atrás, em maio de 2006, o governo de centro-esquerda do Presidente do Conselho Romano Prodi, pela primeira vez na história italiana, colocou entre as "prioridades da política exterior" o Brasil e a América Latina. Antes dos BRIC, antes do G20, antes da ALBA, da CELAC, da UNASUL.

A primeira viagem como Subsecretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros que fiz foi justamente aqui ao Brasil. E foi, vejam que coincidência, para "acompanhar" uma delegação das Regiões e governos locais italianos que estavam estabelecendo as bases para aquilo que se tornaria o Projeto Brasil Próximo.

Na delegação estava representada também a Região Piemonte, que era a responsável pelo Projeto "100 Cidades", na pessoa da Presidente Mercedes Bresso. Estavam presentes Giampiero Rasimelli, Marina Cecilia Sereni, Carla Piatti, Rita Dedola, Cristina Sampaio, Vicente Trevas (a única diferença com a reunião de hoje é que eu, Vicente e Giampiero temos a barba e os cabelos brancos.... enquanto que as demais permanecem tão jovens como antes!)

Naquela ocasião tivemos um extraordinário encontro com o ex-presidente Lula que, acho que posso dizer isso, deu o impulso decisivo para o lançamento do vosso projeto.

Naqueles dias, acompanhado do então Embaixador da Itália, Michele Valensise, reuni-me com o Assessor Especial para a política externa, Marco Aurélio Garcia, um amigo que conheço de tempos imemorráveis, e também com o meu homólogo, que era o Secretário-Geral do MRE, Antonio Patriota.

E foi nesta última reunião que "descobrimos" que o Conselho Econômico e Social misto Itália-Brasil, fruto de um acordo assinado dez anos antes, jamais se havia reunido (!), apesar de o acordo prever que as reuniões deviam ser realizadas anualmente!

Imediatamente (desafiando o agosto italiano), decidimos convocá-lo dali a dois meses: a primeira reunião do Conselho Itália-Brasil realizou-se em Roma, no palácio da Farnesina, em setembro de 2006.

E de comum acordo decidimos que o Conselho não fosse constituído somente pelos Governos e Ministérios, mas incluísse a sociedade civil, os governos locais, as empresas, os sindicatos, as universidades, as ONGs, de ambos os países. Foi uma pequena revolução: pela primeira vez estas instâncias tinham voz e eram convocadas oficialmente.

A Itália, poucos meses depois, criou a Mesa interministerial Brasil: com esta decisão colocamos as relações com o Brasil no mesmo nível daquelas com a Rússia, a China, a Índia.

Com a visita do Ministro dos Negócios Estrangeiros D'Alema, em dezembro de 2006, no longo encontro com o ex-presidente Lula no palácio da Alvorada, começou-se a trabalhar para a visita de Estado do Presidente do Brasil à Itália.

Finalmente, em março de 2007, a visita oficial ao Brasil do Presidente Prodi sancionou, com o documento estratégico, o início de uma nova fase nas relações bilaterais. Naquela ocasião tive a honra de assinar junto com Celso Amorim, então Ministro das Relações Exteriores, o Acordo Brasil-Itália para a Cooperação Triangular, um texto avançado que se colocava na vanguarda neste campo.

E foi naqueles meses que, com Massimo D'Alema, decidimos atribuir um caráter intergovernamental às Conferências Itália-América Latina, tornando-as efetivamente "nacionais" (com relação ao seu caráter originalmente lombardo, não menos importante), e de transformá-las num dos principais instrumentos da política exterior da Itália para esta região do mundo.

Este trabalho teve uma brusca interrupção com a prematura queda do Governo Prodi e com a chegada ao poder do governo de centro-direita de Berlusconi.

Na realidade, a experiência das Conferências Itália-América Latina continuou, graças ao empenho da nossa diplomacia (que havia entendido o quanto eram importantes e úteis), e graças a um político de coragem como o então Vice Ministro Enzo Scotti que, embora formando parte de um governo que posteriormente cairia sob o peso do próprio descrédito, sabia recorrer à experiência histórica da esquerda democrata-cristã e, portanto, acolher e

promover as políticas públicas visando uma nova relação com a América Latina e com o Brasil, em primeiro lugar. Por esta razão as Conferências sobreviveram a Berlusconi...

Dito tudo isso, devemos, porém, sermos sinceros e honestos, e admitir que a "relação especial" Itália-Brasil, que durante os dois anos do governo de centro-esquerda havia apresentado uma forte aceleração, vem de mais longe: é àquele espírito que devemos saber retornar e recorrer para conseguir construir o futuro.

Aquela "relação especial" vem da vasta presença de descendentes de italianos no Brasil, bem representados no Parlamento italiano pelo deputado Fabio Porta, e presentes em todas as instituições brasileiras, como os sobrenomes de tantos Prefeitos e funcionários brasileiros presentes neste seminário demonstram claramente.

Aquela "relação especial" vem do tempo em que, nos mesmos anos do terrorismo italiano (conhecidos como os "anos de chumbo", alusão ao material com que se fabricam as balas), os partidos da esquerda, começando pelo PCI, os sindicatos, as organizações católicas democráticas, acolhiam milhares de refugiados e exilados chilenos, uruguaios, argentinos, brasileiros que fugiam das ditaduras e dos governos autoritários e militares, das violências que se cometiam nos próprios países. A relação com aquelas pessoas foi fundamental para nós, e permitiu-nos descobrir um "outro" Brasil, uma "outra" América Latina.

Eram os anos em que o PCI e a democracia italiana estavam na mira das Brigadas Vermelhas e dos diversos grupos terroristas, e centenas de pessoas - entre as quais muitos companheiros nossos - foram assassinados ou mutilados, e o Presidente da República (aquela República que os terroristas queriam destruir), era o socialista Sandro Pertini, símbolo vivo do antifascismo militante e da Resistência aos nazistas.

Creio que deveríamos refletir sobre as palavras pronunciadas poucos meses atrás por um grande Presidente da República italiano, o atual, que afirmou: *"Faltou algo à nossa cultura e à nossa política para transmitir, e permitir realmente entender, o significado daquilo que ocorreu naqueles tormentosos anos do terrorismo. Não conseguimos fazer com que, mesmo países amigos, próximos e distantes, entendessem o seu significado"*.

Aquela "relação especial" vem de quando a Fundação Lelio Basso, da nossa Linda Bimbi, organizava os Tribunais dos Direitos dos Povos, e pela sede da Fundação transitavam expoentes como, Miguel Arraes, Lula, Gilberto Carvalho, Aloizio Mercadante, José Dirceu, Luiz Dulci, Marco Aurelio Garcia, e tantos outros que, naqueles anos, consideravam aquela sede como "A Embaixada do Brasil Democrático..."

Vem de quando o saudoso Alberto Tridente, da FIM-CISL e da gloriosa FLM, a Federação dos Trabalhadores Metalúrgicos (da qual eu também formava parte, não como dirigente, mas como metalúrgico), organizava as viagens do sindicalista Lula à Itália.

Vem de quando pessoas profunda e pessoalmente ligadas ao Brasil começaram a tecer a rede da construção desta relação: de Linda Bimbi a Giancarlo Summa (autor da primeira biografia de Lula); de Nana Corossacz (cuja vida é entrelaçada com o Brasil) a Roberto Vecchi (profundo conhecedor da cultura brasileira), com o qual, - junto à Cristina, ao

Milton Rondó, ao Elói, ao Iraê, à Halina... organizamos, no início dos anos 90, os primeiros comitês italianos de apoio à candidatura de Lula); de Alberto Tridente a Enrico Giusti, a Luigi Cal, a Giuseppe Iuliano, a Antonio Vermigli; de José Luis Rhi-Sausi do CeSPI (com o qual em 92 realizamos em Gênova um dos maiores fóruns internacionais sobre a América Latina e sobre o Brasil); de Giampiero Rasimelli (que ajudei a "descobrir" o Brasil e que, devo confessar, aprendeu muito bem! e, por meio dele, o descobriu também a ARCI, revitalizando algumas experiências de cooperação); a Francesca D'Ulisse (na difícil e sempre movimentada frente política), a Fabio Porta (na esfera parlamentar, e que espero e desejo que continue também na próxima legislatura a ser o representante dos ítalo-brasileiros, no Parlamento italiano).

Vem de quando Lula, percebendo a importância do evento, quis participar pessoalmente do Congresso de Rimini de 91, no qual o PCI se dissolvia e nascia uma nova história. De quando, vinte anos atrás, Cezar Alvarez (atualmente Secretário executivo do Ministério das Comunicações), veio para viver por um ano na Itália, para estudar os governos locais da esquerda italiana, com o qual colaborou em todo aquele período, e que em Bologna, conheceu também Pier Luigi Bersani.

Vem de quando Massimo D'Alema, Chefe do Governo e anfitrião da reunião em Florença dos Presidentes da "Terceira Via", decidiu convidar - pela primeira vez - também um presidente latino-americano, o do Brasil (que então era Fernando Henrique Cardoso), que participou com Jospin, Blair, Schroder e Clinton.

E de quando, sempre D'Alema, em 2002, decidiu vir ao Brasil para apoiar abertamente (o único líder europeu) a campanha eleitoral de Lula que, após a vitória, retribuiu, fazendo com que fosse ele o único europeu convidado pelo Presidente eleito do Brasil, antes da posse.

E vem do fato que, graças a intelectuais do peso de Marco Aurélio Nogueira e do saudoso Carlos Nelson Coutinho, o estudo do pensamento de Antonio Gramsci seja tão vivo e fecundo no vosso país.

Pois bem. É chegado o momento, a partir desta "bússola", de recomeçar a construir o futuro. Mesmo no auge de uma crise econômica internacional sem precedentes, como aquela que atravessamos (e não só na Europa), os nossos dois países devem saber encontrar o fio, político e institucional, da colaboração.

Nestes últimos anos, é inútil negar, houve momentos difíceis entre os dois países. A questão de um terrorista italiano para o qual foi negada a extradição, pesou e repercutiu na Itália (apesar de que é preciso reconhecer, com honestidade, que o Presidente Lula soube desmentir o seu ex-ministro da Justiça, e cancelou o absurdo status de "refugiado político" ao senhor Battisti), como também pesaram e repercutiram no Brasil as sombrias imagens de ministros do governo Berlusconi que, em Roma, frente à embaixada do Brasil, insultavam a um país soberano e amigo.

Foram anos de tensões e resistência...

Justamente por isso foi justo manter viva a prática das Conferências Itália-América Latina: agora é um dos instrumentos que poderão permitir uma retomada da colaboração estratégica entre os dois países.

Justamente por isso foi justo ter organizado corajosamente, no meio desta situação tensa e difícil, o ano do "Momento Itália-Brasil", cujo mérito se deve a Gherardo La Francesca.

E justamente por isto foi e é importantíssimo que Giampiero, Cristina e todos os protagonistas do Brasil Próximo tenham continuado teimosamente no seu trabalho: hoje ele representa um patrimônio inestimável.

Além disso, é um dado fundamental que nas relações entre os dois países, aumente constantemente o intercâmbio: se no decorrer dos últimos dois anos as empresas italianas com sede no Brasil, passaram de 300 a mais de 700, este é o indicador do nível das relações empresariais.

Isto é importante para a Itália, em plena tempestade da crise da zona euro, mas também para o Brasil. A economia real ainda tem um peso específico, e o micro ou o pequeno ou o médio empresário brasileiro sabem bem que, se querem uma boa máquina-ferramenta para produzir, esta não pode deixar de ter a marca alemã ou italiana (com todo o respeito pelos chineses).

Sim, temos uma responsabilidade: sair desta situação estática entre as instituições, que não reflete o dinamismo existente entre as duas sociedades, as duas culturas, as duas economias, as duas relações industriais.

É inconcebível que o ex-presidente Lula, grande conhecedor e tão ligado à Itália, tenha decidido que "não seria oportuno" vir a Roma nem mesmo para defender a candidatura de José Graziano para a Diretoria da FAO.

É inconcebível que a Presidente Dilma Rousseff viaje tantas vezes sobre os céus italianos, para visitar capitais europeias, sem ainda ter visitado a Itália (a última vez foi em 2007, quando, na condição de Ministra da Casa Civil, escolheu a Itália como primeiro país europeu para apresentar o PAC, e interveio num encontro do CeSPI na sede do IILA).

Temos a responsabilidade de superar esta situação!

O Presidente Monti, chefiando um "governo técnico", mas formado com base a regras da nossa Constituição, após um ataque de um Berlusconi mais que grotesco e em pleno desespero, demitiu-se imediatamente e de maneira digna, para que cada força política assuma a própria responsabilidade.

Agora o esforço consiste em restituir um governo político para a Itália. Que valorize a experiência de Monti, mas que na política exterior saiba "retomar o fio interrompido" e faça com que voltem a ser "especiais" as relações com o Brasil.

Neste sentido parece-me muito importante a intenção de Pier Luigi Bersani, candidato da centro-esquerda para o governo italiano (declarada durante o recente encontro em Roma com os embaixadores dos países da UNASUL), que se vencermos as eleições, ele recolocará o Brasil e a América Latina entre as prioridades da política exterior da Itália.

Obrigado pela atenção.

La cooperazione strategica tra Italia e Brasile

Panel realizzato nell'ambito del Seminario internazionale del Progetto Brasil Proximo
Brasilia, 13 dicembre 2012

Moderatore:

Maria Cristina Sampaio Lopes, Coordinatore generale del Progetto per il Brasile

Interventi:

Giampiero Rasimelli, Coordinatore generale del Progetto per l'Italia

Gherardo La Francesca, Ambasciatore d'Italia in Brasile

Donato Di Santo, Coordinatore delle Conferenze Italia-America latina

Gilberto Carvalho, Ministro Segretario generale della Presidenza della Repubblica del Brasile

Vicente Trevas, Coordinatore dell'Osservatorio dei Consorzi Pubblici e del Federalismo

Augusto Guarnieri, Sindaco di Santo Antonio do Pinhal e Presidente ADTIM